

Notícias Populares: a Espetacularização da Mídia

Autores: Anna Clara Carvalho¹, Marilda Franco²

¹Centro Universitário Barão de Mauá

¹contatoannacarvalho@hotmail.com, ²marilda.moura@baraodemaua.br

Resumo

Este projeto busca uma forma de compreender a sociedade do espetáculo, a vivência e realidade de seres que buscam por informações massivas e acabam por desconsiderar, muitas vezes, a forma pela qual a ética jornalística se dispõe no ato de comunicar. Busca também apresentar o jornalismo como responsável pela classificação do que se informa à população e também da forma pela qual se busca informar. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica e exploratória, sendo possível observar que a prática do jornal sensacionalista nada mais é do que a justificativa de uma forma de alimentar uma sociedade carente de reconhecimento.

Introdução

Vivemos em um período no qual o ato de informar torna-se responsável por formações de opinião, relevantes ao processo de desenvolvimento da sociedade moderna. Entretanto, com o passar do tempo, criou-se uma espécie de espetacularização em massa, uma tentativa de tornar, cada vez mais atrativas notícias importantes e complexas para a sociedade, quase como uma venda de mercadorias: um modelo de comunicação violento e compulsivo, embasado pelo interesse midiático em divulgar sem questionar ou considerar as consequências desse modelo comunicativo.

A ideia central de comunicar-se vem de um caminho onde se busca encontrar uma voz para a sociedade, vozes que representem o que as pessoas gostariam de expressar e é exatamente em pontos e ideias como essas que se encontra o ideal jornalístico. A questão principal é a notoriedade do conceito de divergência entre os aspectos midiáticos e isso não é algo atual. Um processo de tornar a sociedade algo mais suscetível a receber novos conceitos e informações e mais, se transformar a partir disso, fez com que a mídia estivesse à deriva de dois grandes polos informativos: a opinião e a informação.

A fim de resolver esse dilema, muito se perde da capacidade comunicativa do jornalismo, findando em criações de sociedades cada vez mais conduzidas por eventos espetacularizados e massificados de informação. Os jornais

americanos e franceses, a partir do século XVII, são considerados pelos historiadores como os primeiros mencionar em suas matérias notícias que acompanhavam esse modelo informativo bilateral. A isso se deu o nome de *fait divers*¹ ou, popularmente conhecido como 'sensacionalismo'. O sensacionalismo acaba por se aliar à mídia compulsiva, tornando o comunicador uma espécie de vendedor de um produto embasado monetizar uma situação que, por muitas vezes, ultrapassa diversos aspectos do Código de Ética do Jornalista, especialmente quando abordamos assuntos impressionantes.

A tecnologia, neste ponto, torna-se um dos maiores veículos da comunicação, e a abordagem midiática é responsável por apresentar conteúdos que despertem para o leitor (ou, no caso da televisão, espectador) um sentimento de proximidade, ao mesmo passo que, realidade e satisfação dos seus desejos e curiosidades.

Desse modo, a ideia de se comunicar imparcialmente tornou-se um ponto de formação e criação de ideias e isso pode, em diversas situações, deturpar a forma pela qual o comunicador deseja atingir o público alvo.

É importante compreender que este comportamento é, em grande maioria, uma forma cíclica da sociedade. Encontra-se, assim, um comportamento mercadológico a partir da mídia, mas também uma formação ideológica e cultural do indivíduo. Esta pesquisa encaminha-se, no estudo do cenário social atual, de modo a visualizar-se na obrigação de transmitir fatos noticiosos de maneira espetacularizada, ou seja, caracterizada pela hipervalorização de fatos que se mostrem reais e palpáveis à sociedade.

Rodrigo Dantas (2008), em sua obra "Ideologia, Hegemonia e Contra-hegemonia" esclarece a ideia de conceituar o comportamento dos indivíduos, como uma maneira de pensar a sociedade do espetáculo como uma verdadeira mercadoria. "Como forma contemporânea da ideologia, o espetáculo se apresenta como a encenação universal e permanente do fascínio irresistível da

¹*Fait Divers*: essa expressão tipicamente jornalística indica, inicialmente, a ideia de abordar fatos corriqueiros, porém que consigam atrair o público e chamar a atenção. Podem ser fatores inusitados que gerem alguma comoção na sociedade.

mercadoria, que deve poder se impor ao sujeito da produção desejante como a expressão universal do que exige ser reconhecido por todos como o sumamente desejável em si por si mesmo.” (DANTAS, 2008, p.97).

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo entender acerca de uma sociedade, embasada em comunicações violentas, desejando por desastres e situações que podem complementar sua visão de mundo e seu modelo de compreender a sociedade. Visa compreender a função do jornalista e comunicador acerca da forma pela qual se noticia e encaminha-se a informação ao público.

Além disso, busca-se convidar o leitor a refletir sobre a função do jornalista frente ao principal objeto de trabalho a informação e comunicação, conhecer a forma pela qual o público recebe as notícias e como isso é abordado na sociedade atual, desenvolver um método de análise sobre notícias espetacularizadas e sobre uma mídia violenta e compulsiva e, também, comparar o desejo jornalístico por comunicar com a forma pela qual a mídia cobra um posicionamento mais específico e pontual sob o comunicador.

Métodos e procedimentos

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, procurando destacar a estreita relação entre a compreensão do cenário jornalístico e a identificação de aspectos da sociedade que corroboram para a veiculação de notícias falsas, sem averiguação inicial e com alto teor de espetacularização.

Assim sendo, a análise com o uso da convergência de mídias, capacita a visualização de avanços no processo comunicativo, bem como a percepção de um cenário histórico que explica as noções comerciais de notícias populares veiculadas de maneira sensacionalista.

Para compreensão desse processo, foi relevante a elaboração da pesquisa de seguinte modo:

Quadro 1 – Etapas da Pesquisa

<p>1ª Etapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolha e análise do tema. - Elaboração do plano de trabalho e datas.
<p>2ª Etapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indicação e fichamento de obras sobre o tema.
<p>3ª Etapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação de guia de Fontes. - Análise bibliográfica.
<p>4ª Etapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conclusão e aplicação de método científico.

O primeiro e principal passo foi a definição da temática e meios de pesquisa, bem como sua abordagem e caminhos para a visualização da temática.

Foi importante, também, a análise do processo de evolução dos estudos jornalísticos, de processos históricos e conclusivos para a presente pesquisa.

A notícia sensacionalista conta uma história

É preciso compreender que o modelo comunicacional existe desde o início da humanidade. As artes rupestres, a criação do fogo, os ideais platônicos e filosóficos sempre deram margem para se compreender que a comunicação é parte da vida do homem desde que se inicia sua ideia de existência.

Para o jornalismo, a mídia impressa foi fundamental para uma caminhada crescente aos veículos atuais e é de grande importância que se entenda suas origens. Para esse ponto é explícito o destaque, logo inicial, da prensa de Gutenberg. O modelo, que surgiu durante o Renascimento na Europa, por volta do ano 1500, é de grande notoriedade para a história da Mídia Impressa.

Figura 1– Manchete apresentadas no jornal Notícias Populares



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/a-manchete-que-mexeu-com-sao-paulo-nos-anos-70-o-bebe-diabo/>

A necessidade de demonstrar e compartilhar suas ideias trouxe ao Homem o movimento de criar novos modos de tornar cada vez mais explícito o processo de transmitir informações. Apesar disso, quando falamos em processo de comunicação, deve-se compreender que está longe de ser uma complexidade exclusivamente humana. Assim, descreve o autor Norval Baitello Junior (1988), em sua obra “Comunicação, mídia e cultura”: “Constata que a capacidade comunicativa não é privilégio dos seres humanos; está presente e é bastante complexa em muitos outros momentos da vida animal, nas aves, nos peixes, nos mamíferos, nos insetos e muitos outros.” (BAITELLO, 1988, p. 11).

Para o autor, “o homem procura compreender a complexidade de sua comunicação a partir de uma reconstrução hipotética da evolução filogenética de seus códigos. É como se o tempo de nossa história se tivesse expandido também em um tipo de explosão.” (BAITELLO JUNIOR, 1988, p. 11). Assim, pode-se verificar que esse processo de compreensão humana é, nada mais, que uma compulsão de uma capacidade comunicativa.

Por uma visão não muito alternante, pode-se compreender que a comunicação caminha como um grande processo, assim, com suas evoluções e trajetórias pode ser encaminhada à idealização humana de se expressar e propor ideias.

Dessa forma, o conceito destacado por David Berlo (1999) refletido em “ingredientes de uma comunicação” constrói uma noção de continuidade ao processo comunicativo. “O interesse pela comunicação tem produzido muitas tentativas de criar modelos do processo - descrições, relações de ingredientes. [...] Uns podem ser mais úteis que outros, alguns podem corresponder mais que outros ao presente estado de conhecimento sobre comunicação.” (BERLO, 1999, p. 29)

Semanticamente, a ideia de uma comunicação sensacionalista é atribuída a uma forma de divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. Esse termo foi significativamente crescendo quando o assunto era jornalismo ao longo do período histórico. A ideia inicial era atribuir ao sensacionalismo tudo aquilo que iria contra ideias pré-dispostas na sociedade ou que não acabava por agradar os telespectadores.

O aspecto mais interessante seria a ideia de que esse modo de comunicação despertava um interesse maior nas pessoas quando comparado com o jornalismo factual. Assim, o crescimento do jornalismo sensacionalista começou a ser visível, devido às diversas sensações que acabava por despertar na população. A esse ponto, as ideias passam a ser mais violentas. Desse modo, se torna perceptível o fato de que notícias com mais conteúdos chocantes e, até mesmo ‘sangrentos’ começam a despertar na televisão algo que antes não possuía tanta visibilidade.

Portanto, esse tipo de comunicação começa a ser rentável para os meios de comunicação, mas, o fato, é que ainda há dúvidas sobre o motivo de esse tipo de informação causar tanta comoção aos que assistem e acompanham os noticiários diários.

O jornalismo como júri: um caso emblemático

Um dos casos mais familiares para a contribuição do jornalismo sensacionalista foi a história da Escola Base. Assim sendo, no ano de 1994, um espetáculo deu-se através de uma notícia midiaticizada e deturpada por veículos de comunicação.

De importante fundamentação para o estudo jornalístico, o caso, ocorrido na cidade de São Paulo, iniciou-se quando duas mães de alunos da instituição se dirigiram à 6ª delegacia de Polícia de São Paulo para prestar queixa contra seis pessoas relacionadas à Escola Base. De acordo com as mães, os donos da escola juntamente com outros funcionários realizavam orgias com as crianças dentro de um apartamento, pertencente ao pai de um dos alunos do colégio.

Após investigações, o delegado incumbido ao caso, Eldécio Lemos conseguiu um mandado de busca ao local aonde as crianças eram supostamente abusadas, porém, nada foi encontrado. Esse foi o estopim para que as famílias revelassem o caso à mídia. A partir de um depoimento à Rede Globo, o caso Escola Base virou uma grande referência para o jornalismo nacional. Esse processo recebeu um grande impulso pois, neste período, não haviam muitos casos em exposição midiática.

Os títulos expostos pelo jornal Notícias Populares, grande veículo de comunicação para a época, representou perfeitamente a forma como a imprensa estava lidando com a situação, ainda que sem comprovações policiais.

Figura 2– Manchete do jornal Notícias Populares sobre o caso da Escola Base



Fonte: <https://megaarquivo.wordpress.com/2012/12/11/7248-jornal-noticias-populares/>

Para o jornalista Alex Ribeiro (2003), a principal necessidade de abordar esse assunto é a verificação das consequências mediante a abordagem irresoluta do caso. “De fato, foi o extraordinário show da mídia que comandou durante três meses a perseguição implacável de seis pessoas inocentes e a degradação pública de suas imagens, aniquilando suas carreiras, entregando-as à clandestinidade e alterando para sempre suas histórias. Um enredo foi rapidamente construído e culminou nas mais cruéis e humilhantes consequências.” (RIBEIRO, 2003, p. 20)

Justamente pelo fato de, em nenhum momento ter se dado ouvidos ao outro lado da história, o caso resultou em uma sequência de acusações sem evidências.

Após o longo processo investigativo, constatou-se que havia inocência dos acusados e este foi o estopim para um grande processo de retratações jornalísticas. A essa altura, grandes consequências já haviam ocorrido. Algumas das vítimas passaram por dificuldades financeiras, devido à alta exposição midiática, consequências psicológicas e psicossociais.

Figura 3 – Manchete sobre o resultado das investigações do caso Escola Base, declarando a inocência dos acusados



Fonte:

<https://dellacell Souzaadvogados.jusbrasil.com.br/artigos/157435654/da-serie-julgamentos-historicos-escola-base-a-condenacao-que-nao-veio-pelo-judiciario>

Resultados e discussões

A principal hipótese a se levantar é a forma de compreender o motivo pelo qual esse modelo noticiário desperta um modelo de aproximação entre o veículo e as pessoas. A isto, atribuiu-se a ideia de um controle pelo medo, despertando assim, uma ideia de que, partindo da difusão deste modelo cultural, possa gerar uma noção de que uma sociedade, possivelmente doentia, está se agravando.

É dessa forma que acontece uma escapatória perante ao que chamamos de Jornalismo de Referência, extrapolando os limites propostos pelo Código de Ética Jornalístico, conforme cita o Capítulo III: Da responsabilidade profissional do jornalista².

²Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações: II - De caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes.

Evidentemente, esse tipo de noticiário acabaria por esbarrar em questões ético-jornalísticas, uma vez que podem ultrapassar os limites da informação, de modo a gerarem situações controversas ao proposto por um modelo comunicativo de base.

Apesar disso, a ideia principal foi abordar um jornalismo capacitado para compreender as noções públicas, gerando, assim, o Jornalismo Popular, o qual atende além da curiosidade humana, a saciedade por informações cujo teor representa significativamente o que é factual para a sociedade.

Romão Gomes Portão (1972) redator do antigo jornal Notícias Populares, representa um dos maiores modelos críticos desse modelo de comunicação. "Atribui-se ao povo o desejo pela violência, e ao jornal, a função de satisfazê-lo. Afirma-se que não há dúvidas de que o leitor queira sangue e mulher, crime e sexo, mas que "diante da ação da censura esses ingredientes devam ser bem dosados para atender a lei sem desatender ao leitor. (PORTÃO, 1972, p 23-33).

É interessante observar que a prática do jornal sensacionalista nada mais é do que a justificativa de uma forma de alimentar uma sociedade carente de reconhecimento.

Por fim, observou-se que burlando o código moral da comunicação, o jornalista e o veículo comunicador ganham a liberdade de poder investir em processos noticiosos próximos à realidade, mas, não menos chocantes por esse fato, conquistando a atenção de mídias e, principalmente, do público. Assim, notícias que não necessariamente possuem um teor sensacionalista, passam a ser lidas e noticiadas como artigos violentos, com capacidade de gerar atenção e comoção social.

Referências

AMARAL, Marcia Franz. **Jornalismo Popular**.

Editora Contexto, 2006. Disponível em:

<<https://www.skoob.com.br/livro/pdf/jornalismo-popular/livro:97638/edicao:108025>> Acesso em : 17 de mar. 2020.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: ed. Summus, 1995.

ARBEX JR, José. **Show jornalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. Comunicação, mídia e cultura. **Revista da Fundação Saede**. São Paulo.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2000.

BUONO, V. **Caso Escola Base: A mentira** que abalou o Brasil em 1994. Aventuras na História, 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-foi-o-caso-escola-base-fake-news.phtml>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

CAMPOS Jr de. **Nada mais que a verdade: a** extraordinária história do jornal Notícias populares. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas** políticas. Editora Acontexto, 2016.

Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 09 de nov. 2020.

DANTAS, Rodrigo. **Ideologia, Hegemonia e Contra-Hegemonia** In. Comunicações e contrahegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência. Rio de Janeiro, 2008.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo** popular. Cortez Editora, 1996.

GUEDES, Maria da Consolação Resende. **Jornal popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo** super notícia para conquistar seu leitor. Belo Horizonte, 2010.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Tradução de Wladir Dupont, São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MARTINS, Monique Gonçalves. **A angulação da mídia ao noticiar crimes: uma análise do caso** Bernardo. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 30. 2014.

MENDES, Mateus Jorge. **A nociva influência do sensacionalismo midiático no processo penal**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/7537/1/MJMendes.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

NUNES, K. T. **A abordagem sensacionalista no jornal dez minutos: Fetiche E Espetáculo Na**

Produção Da Notícia. Universidade Federal Do Amazonas – UFAM. Paritins, p. 19-25. 2013.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Como se faz “Notícias Populares”**. In Jornalismo Sensacionalista. São Paulo: Comunicações e Artes, 1972. P.23-33.

Projeto Editorial da Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc170808.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base: os abusos da imprensa**. 2a. edição. São Paulo: Editora Ática, 2003.